

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho procurou-se contribuir para a discussão de diferentes estratégias de conservação, tomando como base o estudo de uma situação concreta que exemplifica, por um lado, diferentes abordagens da questão da conservação, representativas do modelo predominante baseado em áreas protegidas e de alternativas atuais para a superação dos conflitos e problemas que ocasiona, e, por outro, o confronto destas diferentes abordagens com uma paisagem complexa, marcada pela intensa interação entre processos naturais e humanos em sua formação.

Diante de contextos complexos como o da região do Pantanal, verifica-se que o modelo de conservação baseado na criação de áreas protegidas – que pressupõe que há uma natureza intocada a ser preservada das ações necessariamente nocivas do homem – apresenta limitações, ocasionando problemas éticos e um alto custo social para as populações locais, além de ser questionável do ponto de vista de sua eficiência com relação aos objetivos propostos.

A análise das alternativas a este modelo surgidas nos últimos tempos demonstra que a superação destes problemas passa pelo reconhecimento da indissociabilidade de processos naturais e humanos, que formam um *continuum* na configuração da paisagem. Igualmente importantes são a compatibilização de objetivos de conservação e de justiça social, e a incorporação da visão de mundo das comunidades locais, voltadas para o desenvolvimento de soluções específicas, enraizadas na realidade característica de cada território.

O estudo das iniciativas de conservação em andamento no Vale do Rio Negro, e em particular da reação da população local a elas e de sua capacidade de promover a estabilidade ambiental, social e econômica da região, demonstraram a importância destes critérios, reafirmando a necessidade da negociação em pé de igualdade entre os diversos atores acerca da visão de futuro para a região, e da criação de novos instrumentos e instituições voltados para o uso sustentável, para a conservação da paisagem como um todo, a partir de práticas adequadas dos agentes envolvidos.

O estudo de caso chama ainda a atenção para a importância de se considerar a evolução de populações tradicionais, e para a necessidade de reciclar seu valores, seja no sentido de garantir a continuidade destes (atribuindo novos significados a velhas estruturas), seja no sentido de fortalecer as características que garantem sua adaptação ecológica, por meio da sua adaptação a um novo contexto.

Sobretudo, é colocada em evidência no caso do Pantanal a necessidade de mudança de enfoque com relação ao objeto a ser conservado, passando de uma visão ecocentrada de natureza externa ao homem, intocada, a ser preservada em função de sua importância para a biodiversidade ou para os mecanismos ambientais globais, a uma visão da natureza como objeto híbrido, fruto da associação de processos humanos e naturais, a ser preservada por meio do *bom uso*, em função de sua importância ambiental, mas também por seu valor simbólico, na formação da identidade, dos valores e do modo de vida local. Neste sentido, o fortalecimento da relação homem-natureza, tal como ela se estrutura em um território específico, é fundamental.

A questão da mudança de enfoque em direção a uma concepção de natureza híbrida encerra uma discussão conceitual que está longe de se encerrar. Fundamentalmente, o que está em jogo são os valores que informam as diferentes visões da natureza e da questão da conservação. Vimos na primeira parte do trabalho que o modelo de áreas protegidas, para além das justificativas científicas, reflete uma visão romântica de natureza intocada, originada em um período específico da história, mas que persiste até hoje com grande força, em função de sua reciclagem por conceitos científicos atuais e por seguir representando uma reação aos efeitos negativos do progresso de nossa sociedade, hoje mais presentes do que nunca.

Desta forma, a natureza como objeto híbrido só passará a prevalecer no momento em que o homem vivendo em harmonia com a natureza ocupar no imaginário das pessoas um espaço equivalente ou maior do que o ocupado pelo mito da natureza intocada. A experiência de vivenciar a realidade do Pantanal e de conviver com o pantaneiro faz crer que esta visão é possível, que o equilíbrio pode ser alcançado com o bom uso, que a paisagem pode ser mais bela que a natureza virgem, abrindo caminho para a conservação de seus diversos aspectos de maneira integrada.